

Quem somos?

● O Comité Operário Internacional contra a guerra e a exploração, pela Internacional Operária, constituiu-se na Conferência Mundial de Mumbai (Índia) que juntou, em Novembro de 2016, delegados de 28 países.

● Em Outubro de 2022, realizou-se nova conferência mundial, em Paris, precedida de uma conferência internacional das mulheres trabalhadoras. Delegados de 43 países subscreveram um apelo que actualiza o Manifesto de Mumbai à luz da situação mundial (*).

● Compõem o comité de acompanhamento militantes operários de todas as tendências:

Camille Adoue (França)
Innocent Assogba (Benim)
Alan Benjamin (EUA)
Colia Clark † (EUA)
Adama Coulibaly (Burkina Faso)
Constantin Cretan (Roménia)
Berthony Dupont (Haiti)
Daniel Gluckstein (França)
Rubina Jamil (Paquistão)
Christel Keiser (França)
Apo Leung (China)
Nnamdi Lumumba (EUA)
Randy Miranda (Filipinas)
Mandlenkosi Phangwa (Azânia)
Liliana Plumeda (México)
Milind Ranade (Índia)
Klaus Schüller (Alemanha)
Jung Sikhwa (Coreia)
Mark Vassilev (Rússia)
Nambiath Vasudevan (Índia)

(*) Afeganistão, Alemanha, Argélia, Azânia, Bangladesh, Bélgica, Benim, Bielorrússia, Brasil, Burkina Faso, Burundi, Canadá, Chile, China, Congo, Coreia, Egipto, Estado espanhol, Estados Unidos, Filipinas, França, Grã-Bretanha, Grécia, Haiti, Hungria, Índia, Itália, Marrocos, México, Palestina, Paquistão, Peru, Portugal, Roménia, Rússia, Senegal, Sri Lanka, Suécia, Suíça, Togo, Tunísia, Turquia, Zimbabue.

FRANÇA

O POID passa a Partido dos Trabalhadores

Apelo aprovado pelo Conselho Federal Nacional, 9 de Dezembro de 2023

Trabalhadoras, trabalhadores e jovens que vos pondeis do lado dos explorados, a vós dirigimos este apelo: construamos juntos o Partido dos Trabalhadores, a ferramenta necessária para fazer triunfar as **nossas** aspirações.

O Partido dos Trabalhadores sustenta que os trabalhadores e os jovens têm as **suas** reivindicações, a **sua** ordem do dia, as **suas** aspirações. A primeira é: a paz!

Gaza reduzida a um “*cemitério a céu aberto*” (Médicos do Mundo) pelas bombas israelitas, centenas de milhares de mortos russos e ucranianos numa guerra sem fim, desolação da África submetida à pilhagem das multinacionais: estas guerras, estes massacres e tantas outras catástrofes apontam o dedo a um responsável: o sistema capitalista. E, com ele, os governos das grandes potências imperialistas ao seu serviço, mais a sua NATO, a sua União Europeia, a sua ONU... O Partido dos Trabalhadores luta pela unidade dos povos. Rejeita todas as tentativas de dividi-los e opô-los. Afirma o direito dos povos a viverem em liberdade e a determinarem o seu próprio futuro. Por isso luta pelo fim da guerra assassina na Ucrânia, pelo fim imediato do massacre em Gaza, mas também pelo reconhecimento do direito do povo palestino a determinar o seu próprio futuro. Como apoiantes da Internacional Operária, intervimos nesse sentido no âmbito do Comité Operário Internacional, com camaradas de quarenta países.

Em França, o Partido dos Trabalhadores luta, sempre, pela unidade da classe operária. Rejeita a divisão entre trabalhadores e jovens, franceses e imigrantes, todas as formas de racismo e discriminação.

O Partido dos Trabalhadores rejeita apelos à unidade nacional. Sustentamos

que patrões e trabalhadores não têm os mesmos interesses. O Partido dos Trabalhadores recusa seguir os partidos de “esquerda” cujos deputados votaram, em França, a favor de centenas de milhares de milhões de euros de ajudas aos capitalistas e cujos deputados ao Parlamento Europeu votaram por seis vezes a favor das despesas militares para a guerra na Ucrânia. Ficou-nos na memória que, poucas semanas depois de, nas manifestações contra a reforma das pensões, ressumar o grito de “Macron, rua!”, os chefes dos partidos de “esquerda” aceitaram os convites de Macron e Borne para participarem em “cimeiras” de toda a índole, incluindo um jantar conjunto dos chefes de todos os partidos (incluindo a União Nacional [de Le Pen]) à volta de Macron.

À união nacional opomos nós a necessidade de os trabalhadores salvaguardarem a sua independência e a independência das suas organizações.

Trabalhadoras, trabalhadores e jovens, vós sabeis, como nós, que a sociedade está dividida em classes. Todos os dias sofreis as consequências da desagregação social, da fome e da miséria que alastram pelo país, ao passo que lucros imensos se acumulam nas mãos de alguns. Por isso vos convidamos a construir um partido resolutamente norteadado pela luta de classes. Pela luta de classes, sim: a única arma que temos em mãos para conquistar as nossas reivindicações, todas as nossas reivindicações. Incluindo a exigência de um governo dos trabalhadores, ao serviço dos trabalhadores, um governo da maioria que não hesitará em romper com o regime cada vez mais antidemocrático da Quinta República e com esta União Europeia de guerra e destruição

.../...

Defensor da democracia e do socialismo — portanto, da apropriação colectiva dos meios de produção pelos próprios produtores — o Partido dos Trabalhadores reivindica a eleição de uma Assembleia Constituinte que permita ao povo definir ele próprio a forma e o conteúdo da democracia.

Trabalhadoras, trabalhadores

e **jovens**, muitos de vós conheceis este Partido dos Trabalhadores através do nosso jornal semanal *La Tribune des travailleurs*. Este jornal reflecte quem somos: um partido que reúne trabalhadores e jovens de todos os horizontes do movimento operário, do movimento sindical, do Partido Comunista, do Partido Socialista, de *La France*

insoumise, da corrente trotskista e outros sem intervenção política anterior.

Para libertar a classe dos produtores, construamos juntos este partido! **Juntai-vos a nós!** ■

Aprovado por unanimidade pelos delegados ao Conselho Federal Nacional do Partido dos Trabalhadores, reunido em 10 de Dezembro de 2023 em Montreuil

PALESTINA

ONGs, meios de comunicação e instituições acusam o Estado de Israel e os seus comanditários americanos

Revista de imprensa

Apesar de dois meses de intensa propaganda oficial, torna-se hoje difícil esconder a realidade do genocídio do povo palestino. Muitas são as ONG, meios de comunicação social e instituições — algumas delas tradicionalmente pró-Israel — que hoje se vêm obrigadas a reconhecer a realidade e a acusar o Estado de Israel e os seus patrocinadores americanos.

Léo Cans, chefe de missão em Gaza dos Médicos Sem Fronteiras (MSF), afirma: “*Uma população civil está a ser bombardeada de forma desproporcionada e indiscriminada. Vê-se na natureza dos ferimentos dos pacientes que chegam aos hospitais, mais de metade dos quais são mulheres e crianças (...). Estamos actualmente a trabalhar em dois hospitais de Gaza: nas últimas vinte e quatro horas, no hospital de Al-Aqsa, recebemos mais pessoas mortas do que feridas. E todos os dias descebemos um pouco mais no horror, no pesadelo*” (France Inter, 8 de Dezembro).

Para Avril Benoît, directora executiva dos MSF, a responsabilidade principal é dos Estados

Unidos, que, ao continuarem “*a dar apoio político e financeiro a Israel, que prossegue as suas operações militares apesar das pesadas perdas civis*”, são “*cúmplices do massacre*” (9 de Dezembro).

Observação idêntica, a feita, desta vez, por um eminente diplomata do Ministério dos Negócios Estrangeiros francês, Yves Aubin de La Messuzière: “*Joe Biden corre o risco de ficar associado a uma política genocida*” (*L’Humanité*, 10 de Dezembro).

“*Genocida*”: e que outra coisa havia de ser, quando o Programa Alimentar Mundial da ONU reconhece que “*nove em cada dez famílias de Gaza passam dias e noites sem comer, algumas durante dez dias no mês passado. E 97% não têm comida suficiente*”, relata France Info (11 de Dezembro), que se faz eco do grito de alarme de Bisan Owda, uma jovem jornalista de Gaza: “*Vamos morrer aqui por causa da fome. Eles não nos vão matar, nem sequer vão ter de pagar as bombas que nos hão-de matar: vamos morrer sozinhos!*”

Mais invulgar ainda, o editorial de *Le Monde* (9 de Dezembro), que

implica directamente com o Estado de Israel e os Estados Unidos. Com o seu veto no Conselho de Segurança, “*os Estados Unidos, isolados, fizeram continuar o castigo infligido por Israel a uma população inteira. A sua humanidade terá de esperar.*” Quanto ao Estado de Israel, *Le Monde* salienta que “*o direito de se defender transformouse no direito de destruir tudo. Os resultados (...) estão à vista de quem queira ver: morte por todo o lado, hospitais em agonia, miséria e errância de centenas de milhares de palestinos, que as ordens israelitas tocam, como gado, de uma banda de Gaza para outra, e depois para outra ainda*”.

A “instituição” da ordem mundial que *Le Monde* é conclui: “*Perder-se Israel nesta guerra não é, infelizmente, grande surpresa, pois ela bem reflecte a sua deriva (...). Enquanto as bombas que fornece a Israel continuam a lavar Gaza sem poupar civis, pensará Washington que esta sementeira de ferro faça medrar nesta terra ensanguentada outra coisa a não ser um ódio inextinguível?*” ■

ESTADOS UNIDOS

A vaga de greves alastra pela América do Norte

“Sou mãe de família monoparental, tenho dois filhos e vivo de salário em salário. Não tenho dinheiro para férias, e não sou caso único”, refere Annick, educadora de infância numa escola de Montreal (Quebeque, Canadá). Milhares de grevistas como Annick invadiram um edifício do governo provincial no dia 8 de dezembro, “porque queríamos realçar que isto é um governo dos ricos que governa para os ricos”, disse a presidente do conselho sindical central metropolitano de Montreal. É o choque, classe contra classe.

Saída dos estúdios de Hollywood e das fábricas de automóveis dos Estados Unidos e passando

pela cadeia de hospitais Kaiser e pelos casinos de Las Vegas, a poderosa vaga de greves por aumentos salariais atravessou a fronteira canadiana. Meio milhão de trabalhadores da função pública da província do Quebeque encetam a sua terceira greve, exigindo que a “Frente Comum” das direcções sindicais convoque a “greve geral ilimitada”.

Nos Estados Unidos, os filiados do sindicato dos argumentistas SAG-AFTRA acabam de aprovar o novo acordo colectivo imposto aos patrões dos grandes estúdios de Hollywood após meses de greve. Além de aumentos salariais, os trabalhadores impuseram sérias limitações ao uso da inteligência

artificial, para proteger os seus empregos.

Na indústria automóvel, a greve do UAW também obrigou o patronato a recuar. Com o seu carácter militante, o UAW acaba de anunciar uma campanha de sindicalização de 150.000 trabalhadores “do Oeste ao Midwest e, especialmente, no Sul”. “Sindicalizar o Sul” é um velho lema do movimento de emancipação dos negros americanos. Nestes antigos Estados escravagistas, às leis anti-sindicais federais Taft-Hartley acresce a opressão racista para impedir a sindicalização dos trabalhadores negros. ■

Com os nossos correspondentes

COP28: o lucro acima de tudo

“As últimas décadas têm mostrado que grande parte dos compromissos voluntários não produzem efeito”. Tal é o primeiro balanço feito pelo jornal *Le Monde* (de 3 de Dezembro) ao quinto dia da COP28, ao terminarem os discursos dos representantes oficiais e começarem as negociações para um acordo final, previsto para 12 de Dezembro. Por outras palavras, esta 28ª edição da COP segue no encaicho das anteriores.

Inicialmente, esta conferência era para dar aplicação ao Acordo de Paris sobre a redução das emissões de gases com efeito de estufa, sabendo que os seus principais responsáveis são a produção, distribuição e consumo de combustíveis fósseis (carvão, gás e petróleo). Ora, a COP28 está a decorrer nos Emirados Árabes Unidos, o oitavo maior produtor de petróleo do mundo. Além de ser presidida pelo director da Adnoc

(Abu Dhabi National Oil Company), detentora das quartas maiores reservas de petróleo do mundo. É como pôr um barão da droga a presidir a uma conferência contra o tráfico de cocaína!

Como se pode ver, são os grandes produtores de petróleo e de gás que estão no lugar do condutor – e não é uma novidade. Um artigo publicado na página web da France Info⁽¹⁾ assinala que “há vinte e seis anos que os países produtores têm conseguido evitar que as energias fósseis sejam nomeadas nos textos adoptados no final das COP, apesar de serem a principal causa do aquecimento global”. Ano após ano, os representantes do sector do petróleo e do gás estão cada vez mais presentes nas COP para pesar nos debates. Segundo a ONG Novethic, passaram de 636 representantes na COP27 para 2.456 na COP deste ano⁽²⁾! A parada é grande: como o tema dos

combustíveis fósseis não pode ser evitado na COP28, faça-se um discurso “ambientalista” a apelar à redução das emissões de gases com efeito de estufa, ou mesmo à limitação do uso das energias fósseis... sem deixar de proteger o cerne da máquina do lucro.

É simplesmente a retórica imposta pela principal potência capitalista: os Estados Unidos. Em 2022, Biden fez aprovar a Lei de Redução da Inflação, um plano para fornecer 500 mil milhões de dólares em subsídios, empréstimos e reduções fiscais destinados a pôr os EUA à cabeça da descarbonização e da redução das emissões de gases com efeito de estufa no mundo... tudo num quadro controlado, o da defesa dos interesses gerais do capitalismo e dos interesses mais específicos dos Estados Unidos.

A “filosofia” do plano não é, com efeito, a da emancipação do gás e do

petróleo, é a de reduzir as emissões de CO₂ sem reduzir o uso dos hidrocarbonetos. Trata-se, inclusive, de promover o gás como substituto do carvão. Durante o seu discurso na COP28, Macron fez-se eco desta linha de pensamento, iludindo a questão dos hidrocarbonetos e apelando aos países do G7 para abandonarem progressivamente o carvão, até 2030, a fim de “*dar o exemplo*” aos “*países emergentes*”, nomeadamente à China.

Que se há-de, então, esperar desta COP? Alguém acredita na vontade e na capacidade dos Estados que participam nesta conferência – misturando alegremente ditaduras e “democracias” comprometidas com a defesa dos interesses capitalistas e com orçamentos de guerra e armamento crescentes – para salvar o planeta das perturbações climáticas? Alguém acredita nisso no rescaldo desta COP, controlada pelos interesses bem compreendidos das

multinacionais do gás e do petróleo, em primeiro lugar as dos Estados Unidos? ■

Pierre Cise

(1) “Como os países petrolíferos manobram nos bastidores para torpedear as negociações sobre o clima” (4 de Dezembro de 2023).

(2) Veja-se igualmente o artigo de Christel Keiser no número 418 de *La Tribune des travailleurs*, de 6 de Dezembro de 2023.

Léxico

COP (Conference of the Parties, ou Conferência das Partes, em português) sobre as alterações climáticas: conferência anual que reúne, desde 1995, os representantes dos países signatários dos acordos do Rio de 1992. O seu objetivo é fixar objectivos climáticos globais, nomeadamente metas de redução das emissões de gases com efeito de estufa.

Acordos do Rio: acordos assinados em 1992 no Rio de Janeiro

(Brasil), na “Cimeira da Terra” da ONU sobre desenvolvimento sustentável, biodiversidade, gestão das florestas e aquecimento global. Relativamente a este último ponto, o acordo definiu o quadro para as discussões que conduziram ao Protocolo de Quioto.

Protocolo de Quioto: acordo assinado em 1997, na cidade japonesa de Quioto, no âmbito da COP3. Por este acordo, os chamados países desenvolvidos ficaram de, durante o período 2008-2012, reduzir as suas emissões de gases com efeito de estufa em 5% em relação aos níveis de 1990.

Acordo de Paris: assinado em 2015, na COP21; o objectivo do acordo é manter o aumento da temperatura média do planeta abaixo de 2°C em relação aos níveis pré-industriais e, preferencialmente, limitar o aumento a 1,5°C. Desta vez, o objectivo é fixado a todos os países, sejam eles “desenvolvidos” ou “em vias de desenvolvimento”.